



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6690 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

**O PAPEL DA MEMÓRIA COLETIVA NOS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO E REPRODUÇÃO DOS CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS NA COMUNIDADE BRASILEIRA: INTERFACE COM O CURRÍCULO ESCOLAR**

Geângelo de Matos Rosa - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Edna Souza Moreira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Fabiana Santos da Silva - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO

Agência e/ou Instituição Financiadora: financiamento próprio

**O PAPEL DA MEMÓRIA COLETIVA NOS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO E REPRODUÇÃO DOS CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS NA COMUNIDADE BRASILEIRA: INTERFACE COM O CURRÍCULO ESCOLAR**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado realizada na Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça localizada na comunidade de Brasileira, uma das comunidades que compõem o Quilombo Rio das Rãs em Bom Jesus da Lapa – Bahia, cujo objetivo foi identificar e analisar os conhecimentos etnobotânicos presentes na comunidade supracitada e os mecanismos de transmissão e reprodução destes saberes.

A opção por este objeto de estudo decorre das inquietações que surgiram durante a trajetória profissional no Território do Velho Chico. Tal trajetória foi marcada por experiências que permitiram uma aproximação junto às comunidades onde foi aguçado o interesse em conhecer os mecanismos que determinam a relação entre os saberes tradicionais sobre o uso de plantas presentes nesta comunidade e sua articulação com o espaço escolar formal. Desse modo buscamos compreender em que medida a memória coletiva da comunidade, de forma especial os saberes etnobotânicos, têm sido reconhecidos e transmitidos no espaço escolar desta comunidade?

No processo de compreensão desse fenômeno, entendemos que estas discussões perpassam pelo ambiente escolar e devem se constituir como provocação à comunidade escolar para a intensificação de ações que visem a sensibilização necessária para a ressignificação dos saberes e da memória coletiva da comunidade em questão. Em termos metodológicos, para este trabalho, os dados foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas e análise documental, numa perspectiva da pesquisa qualitativa em diálogo com estudos e reflexões de autores que discutem os conceitos de memória, saberes tradicionais e

etnobotânicos.

O texto é aqui apresentado em quatro seções. Sendo a primeira uma breve apresentação da pesquisa, a segunda, contendo as reflexões elaboradas a partir da análise de autores que discutem memória e sua relação com a formação e representação da identidade dos indivíduos. No terceiro tópico são tecidas considerações acerca dos saberes, especificamente os saberes etnobotânicos, ainda resguardados na memória de alguns indivíduos da comunidade e a relação com o espaço escolar com vistas a implementar ações coordenadas que valorizem e disseminem estes saberes em suas práticas curriculares. Por fim, as breves considerações resultantes deste entrecruzamento de informações.

## **2 MEMÓRIAS E SABERES ETNOBOTÂNICOS: A ESCOLA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”**

A efemeridade que marca a sociedade atual tem afetado as mais diversas áreas e campos do saber. O desenvolvimento acelerado da ciência e, conseqüentemente, dos meios de comunicação e da biotecnologia, têm provocado transformações rápidas e profundas na sociedade, inclusive tornando obsoleto os saberes, os valores e os objetos em um espaço de tempo muito pequeno. É nesse contexto que a memória tem sido evocada com muita frequência, buscando promover a valorização de um passado que sustente e dê coerência ao presente. Esta valorização do passado está relacionada ao desejo de evitar os riscos do esquecimento. Desse modo a memória seria um mecanismo para preservar o passado por meio das lembranças evocadas no presente.

Halbwachs (1990), chama a atenção para a necessidade que o ser humano tem de estar inserido em um grupo para que as lembranças e as memórias sejam revisitadas. Entretanto, a contemporaneidade com seus avanços tecnológicos e científicos globalizados, tem dificultado a preservação da memória e dos “lugares da memória”, especialmente dos grupos minoritários, como por exemplo, os povos tradicionais. Estes grupos têm vivenciado nos últimos anos o predomínio da cultura globalizada e dos saberes produzidos pela ciência moderna.

Mas afinal, qual é o papel da memória nesse processo de imperialismo do saber científico e do controle dos grupos dominados pelos grupos hegemônicos? A História nos mostra que os grupos dominantes se estabeleceram e conseguiram difundir suas ideologias sobre os grupos subalternos, sobretudo, através do processo de distribuição dos elementos da cultura e dos símbolos culturais dos primeiros, apagando suas memórias e suas lembranças individuais e, construindo assim, uma espécie de memória coletiva.

Esse processo de manipulação das memórias é denominado por Pollak (1989) como enquadramento da memória, o qual pode ocorrer em um pequeno grupo como em nível nacional. Esse autor, ainda refletindo sobre a memória, destaca que existe a memória específica de cada grupo marginalizado, que ele classifica de memória coletiva subterrânea e, memória dos grupos dominantes definida como memória coletiva organizada “que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 08).

Vários autores, dentre eles Pollak (1989), Halbwachs (1990) e Nora (1984) destacam que a memória coletiva é um fenômeno social resultado de negociações e manipulações. Pierre Nora (1984) destaca ainda que as memórias também são passíveis de esquecimento e quando isso acontece surge a necessidade de sistematização que pode ser realizada através da História, do Currículo Escolar, dentre outros mecanismos.

Halbwachs (1990) destaca que o esquecimento das memórias acontece quando, por algum motivo, o indivíduo se afasta do grupo. Vejamos nas próprias palavras desse autor onde destaca que,

(...) quando a memória de uma série de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela

suportou as consequências, que lhe assistiu ou que dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa, por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais estes fatos não estivessem mais, por que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-los por escrito em uma narrativa seguidas uma vez que as palavras e os pensamentos morrem mas os escritos permanecem. (HALBWACKS, 1990. p. 81).

A memória coletiva desempenha um papel importante na construção e preservação da identidade e da cultura dos grupos, pois através dela são transmitidos, entre as gerações, os saberes, os valores e os hábitos. Mas considerando, sobretudo, a influência da mídia nos grupos, enquanto mecanismo de divulgação de uma cultura homogênea e industrializada, que tem levado ao esquecimento de valores, saberes e hábitos que eram específicos de um grupo, é preciso que as comunidades recorram a diversos mecanismos para reproduzir e transmitir sua memória e sua cultura às novas gerações.

Independentemente do grau de instrução dos membros da comunidade, a transmissão das memórias, é realizada, geralmente, por meio da oralidade, como destaca Morigi (2012). Entretanto, a escola, especialmente por meio do currículo, pode constituir-se como um mecanismo fecundo de transmissão e reprodução das lembranças, saberes e tradições do grupo. Deste modo, ao analisar os mecanismos de transmissão e reprodução de saberes implementados na Comunidade de Brasileira, observou-se, no referido espaço, a importância e influência nessa tarefa, além da memória e da oralidade, o sistema escolar por meio do currículo.

### **3 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE (RES)SIGNIFICAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE MEMÓRIA E SABERES ETNOBOTÂNICOS**

Desde 2013, as escolas presentes em comunidades remanescentes de Quilombos deveriam organizar seu currículo segundo as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica instituídas pela resolução nº 08 de 20 de novembro de 2012.

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução. § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I- Organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade. (BRASIL,2012).

Desse modo, as unidades de ensino presentes nas comunidades de remanescentes quilombolas bem como aquelas escolas que não estão localizadas geograficamente nos espaços de comunidades dessa natureza, mas que atendem a estudantes oriundos dessas localidades, devem contemplar em seus projetos políticos pedagógicos, nos projetos de ensino e desenvolvimento de suas aulas os saberes tradicionais presentes nesses espaços.

Apesar da publicação desse documento, a Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça ainda não dispõe de um currículo que contemple os saberes relativos às comunidades remanescentes de quilombos e a memória desses sujeitos. Essa situação talvez se explique pelo fato desta instituição ter sido imbuída, ao longo dos anos, de desempenhar a

função, como diz Bourdieu (2007), de transmitir apenas a cultura erudita.

Diante desse contexto é fundamental que a escola busque alternativas para integrar os saberes tradicionais aos saberes curriculares. Daí a necessidade da organização do trabalho pedagógico da escola de forma sistematizada no projeto político pedagógico (PPP), já que este se constitui como o espaço primordial para registrar a necessidade dessa integração bem como as possibilidades de realizá-la. Em se tratando da Escola Municipal Quilombola Emiliano Joaquim Vilaça, o Projeto Político Pedagógico ainda não foi atualizado de maneira que não foi possível analisá-lo, como mostra o depoimento abaixo,

(...) a escola não tem PPP, porque o que tem é tão defasado que foi um que foi feito a “1500” anos pela escola, ou se foi feito pela secretaria e 111 distribuído só pra constar que tem. Mas acho que não foi, por que esses dias eu estava lendo e acho até engraçado, que deve ter sido feito, alguém fez numa sentada, escreveu assim a punho, mas só pra você ter ideia, a gente não tem PPP e aí como esse ano tem que entregar pronto o PPP, então vai obrigar a dar uma lida, uma atualizada pra adequar, mas aqui nunca. (Professora A).

Embora a escola analisada não dispunha de um PPP atualizado, contemplando o que propõe as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola, ela desempenha um papel político e social na comunidade, especialmente através daqueles professores que são mais envolvidos com as questões locais. Entretanto, é preciso ressaltar, como nos lembra Veiga (2002) a necessidade de o PPP estar redigido, atualizado, ser resultado de uma construção coletiva e que esteja disponível a toda a comunidade.

Numa outra dimensão dessa análise, relacionada à prática docente, percebemos que estes, entendem a necessidade de articular os saberes curriculares com os saberes da comunidade, mas no que diz respeito especificamente, ao conceito construído pela academia sobre saberes tradicionais constatamos que os professores ainda não o dominam, porém, demonstram, numa construção textual própria, compreender a importância e a definição destes saberes, como evidenciam os depoimentos abaixo:

Saber tradicional é aquele da tradição, que vem passando, que vem de longas datas, pelo menos né, mas aqui está de modo geral. Deixa eu tentar traduzir o que eu estou pensando aqui. (...) O que é tradicional, o que é costume, o que é ensino, é isso que eu estou tentando articular. (Professora A).

Saber tradicional é aquela coisa de antigamente que com o tempo passa por evoluções e adaptações. É aquilo primeiro que surgiu viu.”(Coordenadora A).

Os professores, em suas exposições, conceituaram os saberes tradicionais como algo relacionado aos mais velhos, a “coisas da tradição” a costumes, ou seja, relacionam esses saberes à memória da comunidade, ao processo de constituição da identidade quilombola. Nesse sentido, são pertinentes as reflexões tecidas por Morigi (2012 p. 189), onde ele destaca “a importância das lembranças para o processo de identidade individual e social e afirma que o sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos vestígios e dos fragmentos de acontecimentos passados”. Dentre os professores, o que trouxe uma compreensão mais detalhada sobre o que são saberes tradicionais, foi o professor Z, como é possível perceber no depoimento que segue abaixo,

O tradicional é esse saber que precisa tá ali, sendo preservado. Aquela base de cultura para os novatos, então ele vem de geração em geração não

perdendo a tradição. Que quando só fala e não mostra a história e não também ali a prática disso, aí não fica tradicional, ela era tradicional. Tradicional é aquilo que vai gerando e que ainda existe. Para nós aqui o importante do conhecimento tradicional é isso pra não perder.

Os dados da pesquisa revelam que a comunidade de Brasileira é um espaço que mantêm, sobretudo através da memória dos mais velhos, um rico acervo de saberes tradicionais, dentre eles, os saberes etnobotânicos, especialmente sobre o uso de plantas com propriedades medicinais. Estes não são contemplados pelo currículo escolar, no entanto, os professores demonstraram compreender, a seu modo, o que são esses saberes e sua importância para manter viva a memória da comunidade. Tais saberes, mesmo que não apareçam sistematizados no currículo, estão presentes no cotidiano escolar, através dos conhecimentos prévios que os estudantes adquiriram com seus familiares e através de algumas atividades que a escola desenvolve, situação evidenciada nas falas que seguem:

Oh, na verdade sobre esse tema, eu acho que os saberes que chegam, são trazidos mesmo dos avós, dos pais, mas assim, que tenha um projeto, que tenha algo de fora pra cá, se tiver foi antes de eu chegar e isso tem três anos que eu estou aqui. Que eu me lembre, quando chega eu acho que é isso mesmo, é mais no boca a boca, nos costumes, né. Sempre tem, sempre tem, assim ó, por exemplo alguns memoristas que também, já se foram e tal, e eles são sempre lembrados nos trabalhos de 20 de novembro por exemplo. Porque quando foca mais, porque aqui é uma escola quilombola, mas como trabalha mesmo a grande maioria é o pessoal da comunidade, talvez eles não saibam inserir a questão da lei mesmo aqui dentro. Eles falam mais dos costumes, contam as histórias de como foram as lutas, de como eles conseguiram mesmo o título de quilombola, Seu Simplicio mesmo, o esposo de D. Paulina, sempre faz isso.” (Professora A)

É preciso considerar que o currículo é um espaço de poder, conseqüentemente os saberes que se encontram definidos por este documento, são resultados de uma seleção marcada pela disputa de poderes entre os grupos. Foucault (1984) destaca que onde existe poder ele será exercido, embora não saiba ao certo quem é o detentor do poder, o que se sabe é que ele se exerce colocando uns grupos de um lado e outros grupos no outro polo.

As reflexões de Bourdieu (1989) parecem complementar esse raciocínio quando afirma que o poder está presente em toda parte e para descobri-lo é preciso buscá-lo onde ele menos se deixa ser visto. Esse autor, denomina essa forma sutil e discreta de poder pelo nome de poder simbólico, o qual só pode ser exercido com a aquiescência dos que lhes estão sujeitos, ou mesmo que o exerce.

Os membros da comunidade da Brasileira parecem, ao seu modo, saber da existência dessa relação de força presente na escola e, conseqüentemente, no currículo, e buscam a partir de suas organizações exercerem o seu poder e exigir que a escola inclua em suas práticas pedagógicas e no currículo os saberes específicos de sua cultura.

#### **4 BREVES CONSIDERAÇÕES**

Durante as observações e visitas realizadas na comunidade de Brasileira foi possível perceber que seus membros têm a preocupação em fazer com que as novas gerações se apropriem dos saberes e das memórias de seu povo e, para tanto, lançam mão da oralidade por meio do diálogo com os filhos e demais jovens que se interessem ou se disponham a ouvir os guardiões desses saberes. A preocupação com a preservação da memória torna-se mais acentuada em função dos atrativos da modernidade que chegaram em praticamente todas as localidades e que têm contaminado as gerações, sobretudo as mais jovens, inclusive

apresentando a elas elementos de uma cultura industrializada e veiculada através da tecnologia

Através dos depoimentos dos interlocutores, sobretudo, dos especialistas em práticas de cura, em consonância com o que a observação revelou, foi possível perceber que só a oralidade, como também os projetos e eventos culturais desenvolvidos na comunidade, não estão sendo suficientes para assegurar a reprodução e transmissão desses saberes às novas gerações, comprometendo assim, a sobrevivência das memórias, as quais, conforme vários autores, dentre eles Morigi, Rocha e Semensatto (2012), são fundamentais para preservar a coesão do grupo de maneira pacífica e persuasiva.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DIFEL Difusão. Editora LTDA, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, Seleção e Organização Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, Brasília Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>. Acessado em 02/08/2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MORIGI, V. J. ROCHA, C. P. V. SEMENSATTO, S. **Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial**. In; Morpheu-Revista Eletrônica em Ciências Humanas-ano 09, n. 14 de 2012. Disponível em <<http://www4.unirio.br>> Acessado em 29 de jul. de 2020.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khaury. 1993. In: Revista da PUC. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/>> Acessado em 29 de jul de 2020.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 02. n. 03, 1989. P. 03-15.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 14ª edição. Campinas-SP: Papirus, 2002.

### **O papel da memória coletiva nos processos de transmissão e reprodução dos conhecimentos etnobotânicos na comunidade Brasileira: interface com o currículo escolar**

#### Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que buscou identificar e analisar os conhecimentos etnobotânicos presentes na comunidade Brasileira, Quilombo Rio das Rãs-BA e os mecanismos de transmissão e reprodução destes saberes. Nesse contexto realizou-se uma breve análise sobre o papel da Escola Municipal Emanuel Joaquim Vilaça como um desses

mecanismos com o desafio de compreender em que medida a memória coletiva da comunidade, de forma especial os saberes etnobotânicos, têm sido reconhecidos e transmitidos no espaço escolar desta comunidade. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas e análise documental, numa perspectiva da pesquisa qualitativa em diálogo com estudos e reflexões de autores que discutem os conceitos de memória, saberes tradicionais e etnobotânicos.

**Palavras-chave:** Memória. Etnobotânica. Saberes Tradicionais.